



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v28n01/2020p42-63>

DIÁRIO DE LEITURA: UMA ENTRADA, UMA SAÍDA

READING DIARY: ONE ENTRY, ONE WAY OUT

Josalba Fabiana dos Santos¹

Recebimento texto: 02/11/2019

Data de aceite: 01/12/2019

RESUMO: Neste trabalho apresentamos uma metodologia que tem sido útil para a valorização da leitora e do leitor como produtores de sentidos de textos literários: o diário de leitura. Para refletir sobre a leitura, valemo-nos de alguns textos pontuais de Barthes (1987) e Compagnon (1999), e para o nosso estudo e aplicação do diário de leitura, Clifford (2002), Versiani (2005) e Lejeune (2008). Nenhum desses nomes trabalha diretamente com diário de leitura literária e alguns nem sequer trabalham com diários de qualquer natureza. Assim, a autoetnografia foi fundamental para compreendermos a observação (leitura) no contexto de uma comunidade (de leitoras e leitores). Da mesma forma, foi de vital importância a discussão de Lejeune sobre diário íntimo, pois o diário de leitura literária muitas vezes acarreta na expressão de intimidades.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor; Leitura; Literatura; Diário de leitura; Construção de sentidos.

ABSTRACT: In this paper we present a methodology that has been useful for the appreciation of the reader as a meaning maker of literary texts: the reading diary. To reflect on reading, we resort to some texts by Barthes (1987) and Compagnon (1999), and for our study and application of the reading diary: Clifford (2002), Versiani (2005) and Lejeune (2008). None of these names work directly with literary reading diaries, and some of them do not even work with journals of any kind. So self-ethnography was fundamental to understanding observation (reading) in the context of a community (of readers and readers). Likewise, Lejeune's discussion of intimate diary was of vital importance, since literary reading diary often entails the expression of intimacy.

KEYWORDS: Reader; Reading; Literature; Reading diary; Meaning making.

¹ Doutora em Estudos Literários (Universidade Federal de Minas Gerais). Professora no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe.



Introdução

A autoridade da autora e do autor ainda é muitas vezes sobreposta à autoridade da leitora e do leitor de tal forma que termina por silenciá-la e apagá-la, quando nos parece que o nosso objetivo em sala de aula deveria ser o contrário: formar e valorizar a autoridade da leitora e do leitor como produtora de sentidos do texto literário. Não é papel da leitora ou do leitor desvendar, ler nas entrelinhas, tampouco adivinhar o que a autora ou o autor quiseram dizer:

[...] o autor é considerado o proprietário eterno de sua obra, e nós, seus leitores, simples usufrutuários; [...] o autor tem, assim se pensa, direitos sobre o leitor, constrange o determinado *sentido* da obra, e esse sentido é, evidentemente, o sentido certo, o verdadeiro; [...] procura-se estabelecer *o que o autor quis dizer*, e de modo algum *o que o leitor entende*. (BARTHES, 2004, p. 27-28, destaques do autor)

Claro que sabemos que o autor e a autora quiseram dizer alguma coisa no momento da escrita. No entanto, esse momento se perdeu em algum lugar do passado, talvez até para aquelas e aqueles escritores que ainda estão vivos – o que se dirá dos mortos.

É por causa dessa situação ainda vigente que decidimos utilizar o diário de leitura literária em nossas aulas e agora, após acumular algum conhecimento, escrever a respeito. Sabemos que outras professoras e



professores o utilizam, mas sentimos falta de uma apresentação dessa metodologia voltada à literatura.ⁱ

Na verdade, além da apresentação da metodologia, pretendemos fazer um relato da nossa experiência – em conformidade com o espírito até certo ponto impressionista dos diários de leitura literária.

As bases

Os diários de leitura literária não são tratados diretamente pelos teóricos que evocamos na nossa prática. Logo, o que fizemos foi uma adaptação. De forma bastante sintética, podemos afirmar que nossa pesquisa se iniciou com *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX* (2002), de James Clifford. Esse livro foi de grande auxílio para pensarmos na etnografia como um caminho de registros do que se observa sem o apagamento ou esquecimento das e dos observadores.

Há muito tempo é um pressuposto da e do etnógrafo tomar notas daquilo que observavam em uma determinada comunidade em diários de campo. No retorno às suas universidades, em geral, o diário servia de base de dados para a escrita de ensaios, artigos e livros acadêmicos, mas era em si descartado por causa da subjetividade. Nas últimas décadas isso mudou e o diário se tornou ele próprio a matéria a ser investigada.

Segundo Clifford, como forma de registro, “[...] a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual” (2002, p. 21). No nosso



caso, tal experiência é a da leitura de um texto literário. Ou seja, o diário de leitura literária é uma escrita sobre outra escrita. Se há alguns anos a ou o etnógrafo era alguém que registrava as características de um determinado povo ou grupo, hoje isso se ampliou: saltamos assim para o conceito de autoetnografia: quando aquela ou aquele que observa (aqui, o texto literário) se observa observando (no diário de leitura).

A presença do prefixo *auto*, do grego *autós*, serviria de “lembrete” a impedir a tendência à supressão das diferenças intragrupos, enfatizando as singularidades de cada sujeito-autor, enquanto o termo *etno* localizaria, *parcial* ou *pontualmente*, estes mesmos sujeitos em um determinado grupo cultural. Assim, poderíamos pensar em autoetnografias como espaços comunicativos e discursivos através dos quais ocorre o “encontro de subjetividades”, a interação de subjetividades em diálogo. (VERSIANI, 2005, p. 87, destaques da autora)

No caso dos diários de leitura literária teremos o encontro entre as subjetividades elaboradas no texto literário com a da ou a do diarista (e posteriormente o compartilhamento de todas essas subjetividades quando os diários são lidos na turma). Esperamos que os diários possam fomentar a consciência de “Um sujeito produtor de conhecimento que reconhece a si mesmo como participante ativo de circuitos comunicativos e de processos de atribuições recíprocas de identidades” (VERSIANI, 2005, p. 234), que esse sujeito possa tomar para si a autoridade da interpretação e realize “a substituição de modelos dicotômicos por modelos de





multiplicidade, que tematizam a diferença e a pluralidade, a ênfase sobre o leitor como produtor de sentidos” (VERSIANI, 2005, p. 31). Como Versiani, pensamos em um processo inclusivo para “[...] constituir discursos de construção de *selves* como objetos dignos de análise crítica, de modo que, a reboque, sejam incluídos os sujeitos por trás desses discursos” (2005, p. 68, destaque da autora). Tampouco desejamos fomentar ególatras centrados em achismos, mas sim

[...] enfatizando [...] os processos comunicacionais e discursivos que ocorrem entre sujeitos complexos, singulares, donos de diferentes memórias e saberes, em trânsito por contextos multiculturais que por sua vez também estão em constante processo de alteração. (VERSIANI, 2005, p. 69)

Definições

Philippe Lejeune é provavelmente o maior estudioso de diários pessoais que conhecemos. Segundo ele, os diários configuram “uma escrita cotidiana: uma *série de vestígios datados*” (LEJEUNE, 2008, p. 259, destaques do autor). Ainda para ele: “Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Daí advém o que pode parecer um problema à primeira vista: apesar do nome, o diário de leitura literária não é necessariamente escrito diariamente, ou melhor, não é escrito em torno dos acontecimentos ou das reflexões de um dia. No diário de leitura literária o acontecimento que o promove é a





leitura. Logo, a data é uma informação dispensável. Então por que utilizamos a palavra diário e não caderneta? Explicamo-nos a partir do próprio Lejeune: “A única regra é que o trabalho seja feito no momento da escrita, no próprio dia e não mais tarde” (2008, p. 330). É esse frescor em relação ao acontecimento motivador que o diário de leitura conserva. A escrita deve estar o mais próxima possível do evento que a motiva: a leitura do texto literário. Portanto, a palavra diário não se refere no nosso caso a uma escrita diária, mas a uma escrita que se faz rotineiramente (ao menos até que a leitura se finde).

Assim, o diário de leitura literária consiste no registro, também chamado de entrada (LEJEUNE, 2008, p. 260), dos pensamentos, dos sentimentos e do contexto em que a leitura aconteceu. De maneira prática, é possível afirmar que o diário por nós trabalhado consiste no registro do processo de leitura do texto literário. É uma forma de a leitora e o leitor tomarem consciência desse processo. O processo sempre ocorre, independentemente do registro e da sua consciência; todavia, percebemos que o diário fomenta a reflexão na medida em que sua autora ou autor interrompem a leitura para tomar notas e registrar o passo a passo do próprio processo. É preciso pensar sobre o que será escrito e, ao se pensar sobre o que será escrito, se pensa no que se leu.

Segundo Roland Barthes, muitas vezes interrompemos a leitura levantando a cabeça (2004, p. 26). Para esse teórico, ao fazer esse gesto simples e comum escrevemos um texto na nossa mente, um “texto-leitura” (BARTHES, 2004, p. 27). Podemos dizer que o diário de leitura literária consiste no registro desse texto-leitura escrito na nossa mente.



Formas de uso

Em geral, nossas turmas oscilam entre 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) estudantes, sendo a grande maioria composta por jovens do sexo feminino. De forma alternada, ministramos as disciplinas de Literatura Brasileira I, II III e IV e Literatura Portuguesa III no curso de Letras Português, turno noturno, na Universidade Federal de Sergipe. Na matriz atual as disciplinas da área de literatura seguem uma sequência histórica. De maneira que Literatura Brasileira I trata dos primeiros registros que pretendem dar informações sobre a nova terra (a princípio aos portugueses) até o Romantismo; Literatura Brasileira II tem como conteúdo o Parnasianismo, o Simbolismo, o Naturalismo, o Realismo e o Pré-Modernismo; Literatura Brasileira III se detém no Modernismo; Literatura Brasileira IV avança da segunda metade do século XX à atualidade, e Literatura Portuguesa III inicia no Simbolismo e igualmente se encerra nos dias atuais.

Ao longo dos anos da nossa prática em sala de aula, conscientizamos-nos de que a maioria da clientela é composta de leitoras e leitores em formação, algumas e alguns ainda em fase inicial. Portanto, antes de exigir leituras em grande volume, aprofundadas e de alto nível, é preciso formar um público leitor. Além disso, passamos a considerar com maior cuidado o fato de que nossas e nossos estudantes se tornariam professoras e professores na Educação Básica e que, conseqüentemente, elas e eles precisariam de ferramentas para formarem novas e novos



leitores. Entendemos que o diário de leitura literária é uma dessas ferramentas.

Iniciamos nossas discussões e estudos teóricos sobre diários em 2013. A aplicação veio logo na sequência com um pequeno grupo de estudantes vinculados a um projeto do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) sobre leitura literária. A partir de 2014 expandimos os diários para nossas salas de aula em todas as disciplinas mencionadas anteriormente, mas nunca em mais do que uma em um mesmo semestre por causa do volume de leitura que tal empreendimento demanda. Ao longo do tempo, temos visto esse trabalho se ampliar em dissertações de mestrado profissional e acadêmico e também na prática escolar de egressas e egressos.

Portanto, utilizamos uma ferramenta que pode ser replicada em qualquer nível de aprendizagem, porque em todos se mantém uma ideia básica: a literatura é uma forma artística e como tal potencializa algum tipo de afetação e fruição. Leitoras e leitores são afetados pelo que leem, se comovem diante dos textos literários. E quando falamos em co-mover (assim, com hífen), pensamos nas e nos estudantes como seres que são afetados e que por sua vez afetam a outras pessoas a partir das leituras que fazem, se movem *com*. Mesmo que estejamos acostumados a pensar na leitura como um gesto solitário, percebemos com a escrita do diário que essa é apenas uma das partes do processo (ainda que fundamental). Temos visto inúmeros diários que, além de compartilhados em sala de aula, registraram a troca de informações sobre a leitura empreendida com pessoas do círculo social das e dos estudantes – parentes, amigas e amigos,



vizinhas e vizinhos, colegas de trabalho etc. Se o ato de leitura é individual e carece de silêncio e até um pouco de isolamento, na sequência ele se expande, podendo contaminar novas e potenciais leitoras e leitores.

Até o presente momento, solicitamos que diários fossem feitos para leitura de poemas, de contos e de romances. Quando produzidos para poemas e contos, eles podem ser feitos de uma única vez, ou seja, “de uma sentada” – para utilizar uma expressão corrente no universo da leitura –, sendo que isso ocorre algumas vezes durante o horário da aula e em outras, fora. Quando temos romances, por causa da extensão, os registros são feitos capítulo a capítulo fora da sala de aula.

O registro

A seguir apresentamos as principais questõesⁱⁱ que norteiam a elaboração do diário de leitura literária nas turmas mencionadas anteriormente. Tais questões não são formuladas com o intuito de obter respostas diretas como em um questionário, já que não se tratam de perguntas em um sentido estrito. Portanto, as “respostas” às questões propostas não vêm escritas necessariamente na sequência que mostraremos abaixo. Mas é bastante comum que os registros iniciem pelas condições de leitura (primeira questão) e nem sempre mencionem os sentimentos envolvidos (terceira e última questão).

As e os estudantes são orientados a escrever uma narrativa em primeira pessoa do singular contando o processo individual de leitura. Portanto, devem ser evitadas manifestações genéricas do tipo: “nós



achamos”, “nós acreditamos”, “o ser humano pensa que”, entre outras. Leitoras e leitores devem se ater apenas e tão somente à sua situação de leitura no momento em que é feita. Por isso também são orientados a tomar nota de palavras-chave e frases que venham às suas mentes no instante exato em que leem. A partir dessas anotações prévias é que a narrativa do processo individual de leitura, ou seja, o diário de leitura literária será produzido. Sem essas anotações prévias, alunas e alunos estarão mais afastados da leitura e tenderão a perder o sentido dos afetos mais imediatos e profundos causados pelo texto literário, de forma que se distanciariam do diário de leitura e se aproximariam da história de leitura (gênero legítimo, mas que não é o nosso objetivo e que implicaria em outras indagações).

A primeira questão que norteia a elaboração do diário de leitura literária é:

- Quando, como, onde, por que e em quais condições leu?

De um modo geral, cada uma das questões norteadoras contribui para o conhecimento do processo de leitura.ⁱⁱⁱ E o acesso a esse processo é franqueado à professora, a alunas e alunos. Assim, sabendo das condições em que leem, acessamos suas limitações e dificuldades. Indo além da sala de aula e de um contato mais superficial, passamos a saber um pouco da realidade de nossas alunas e alunos. Com essa questão muito simples, criamos uma conexão entre os membros da turma, pois conhecemos mais de cada uma e de cada um.



Muitas e muitos leem de madrugada. Os motivos variam: às vezes é o único horário que sobra depois de trabalhar o dia todo e ir para a universidade à noite; em outras, é o único horário em que a casa e a vizinhança estão em silêncio, especialmente no caso de alunas que têm crianças. Às vezes as leituras se acumulam e são feitas durante dias inteiros, em geral sábados e domingos, o que torna o processo tão ou mais cansativo do que as realizadas nas madrugadas. Portanto, muitas e muitos leem com sono, fatigados, exaustos.

Os locais de leitura variam muito. Em casa, pode ser a sala, a cozinha ou o quarto. Em geral, as residências não têm um lugar exclusivo para leitura. O silêncio não é um companheiro frequente e encontrá-lo costuma ser um grande desafio. A maioria das nossas alunas e alunos vive com a família ou compartilha moradias com colegas de universidade ou trabalho e normalmente alguém está querendo conversar com elas e eles durante a leitura ou está ouvindo música ou assistindo televisão ou mesmo todas essas atividades ao mesmo tempo. O trabalho costuma ser mencionado com frequência como local de leitura, mas depende da permissão de chefias e/ou do silêncio de colegas. Muitas vezes as leituras são feitas à revelia das chefias, de maneira escondida, dissimulada ou aproveitando suas ausências. O transporte também é uma opção. Como muitas e muitos moram no interior do estado, passam diariamente longos períodos em ônibus até chegarem a São Cristóvão, cidade onde se encontra a sede da universidade. Novos e velhos obstáculos: iluminação deficitária, sacolejos constantes, conversas com leitoras e leitores ou entre demais passageiros. Finalmente, o campus da universidade costuma ser





mencionado. Às vezes se fala na biblioteca, em geral barulhenta, reclamam as e os diaristas, outras vezes as áreas abertas, onde os mosquitos não deixam ninguém em paz por muito tempo; e, finalmente, as salas de aula vazias, na verdade muitas vezes ocupadas, mas por umas poucas ou poucos estudantes que também estão lendo ou estudando, são um dos locais preferidos.

Percebemos que frequentemente leitoras e leitores têm dificuldade em ler com fluidez, não só pelos horários de que dispõem, mas por causa dos poucos locais apropriados disponíveis. E não podemos deixar de registrar que alunas e alunos costumam variar entre a casa, o trabalho, o transporte e a universidade na tentativa de encontrar as condições ideais de leitura.

A próxima questão nunca deixa de se apresentar nos diários:

- O que, quando, como, por que pensou nisso ou naquilo durante a leitura?

Ao se referirem aos pensamentos que vêm à mente durante a leitura, percebemos serem bastante diversos. Muitas e muitos conectam o texto literário lido, por mais distante histórica e espacialmente que esteja, com a realidade atual. Assim, se o texto trata de cortiços no século XIX, pensam na vida nas favelas de hoje, se a protagonista é feminina, mesmo que esteja no Romantismo, provavelmente se cobrará dela uma atitude mais feminista – ou menos submissa. A partir disso, podemos afirmar que existe uma forte tendência a leituras que atribuem juízo de valores em



relação às atitudes das personagens. Assim, algumas serão consideradas superficiais, frívolas, gananciosas, interesseiras, grosseiras, bondosas, maldosas, tolas, aproveitadoras, entre outras características. Também são comuns as conexões com a vida de leitoras e leitores. Nesses momentos se comparam acontecimentos ou personagens ficcionais com uma história pessoal, da família, da vizinhança ou de algum conhecido – a memória é ativada. E há ainda o exercício de se imaginar o futuro – menos frequente. Se uma personagem se casa, por exemplo, podem surgir indagações a respeito do que o destino lhe reserva no campo do matrimônio. Possibilidade bastante comum nas leituras são as relações com novelas de televisão e filmes. Menos frequentes, mas presentes, são as lembranças de outros livros lidos. E bem mais raras são as conexões com algum aspecto da teoria da literatura, como compreender que o foco narrativo de um narrador-personagem é muito parcial ou se ater a expressão de juízos de valor por parte de um narrador onisciente (não neutro, portanto). A nós, mais do que ranquear os pensamentos mais recorrentes, interessa que a leitora e o leitor tomem consciência de que nunca estamos apenas lendo. Estamos sempre ligando o que lemos com os mais diversos pensamentos em um fluxo contínuo de associação de ideias. Tais pensamentos são de toda ordem e muitas vezes parecem aleatórios, mas não são, pois surgem de algum aspecto despertado pelo texto literário e que foi relacionado com alguma outra coisa.

Outra parte interessante da percepção do aspecto não linear e fragmentado da leitura é quando a leitora e o leitor se dão conta de que a literatura não constitui um mundo à parte restrito a comentários de



teóricos e críticos refinados e eruditos, já que os diários são escritos, na maioria das vezes, sem nenhum contato com paratextos – na verdade, o diário é o paratexto. Nestes casos, leitora e leitor deixam transparecer, não sem algum orgulho, que são capazes de manifestar uma visão sobre o que leem. Ou seja, o diário de leitura é um dos raros momentos dentro da vida acadêmica em que o indivíduo se sente livre para pensar a literatura sem estar preso ao discurso da professora e do professor, da crítica literária e da teoria. Obviamente não estamos dispensando as vozes de docentes, críticos nem de teóricos, mas elas virão depois de as e os diaristas se posicionarem. Entendemos que essa liberdade deva ser exercida com um pouco mais de constância na universidade e com muita constância na Educação Básica, porque é ela que formará leitoras e leitores entusiasmados.

Passamos agora para nossa última e possivelmente mais importante questão norteadora. Contudo, infelizmente, nem todas e todos se expressam em relação a ela:

- O que, quando, como, por que sentiu isso ou aquilo durante a leitura?

O primeiro aspecto a ser comentado é justamente o silêncio. Podemos especular um pouco sobre tal ausência de manifestação: talvez a falta do hábito de manifestar sentimentos (muitas vezes não só na universidade), timidez, ausência de confiança na professora e/ou na turma ou quem sabe a falta de percepção dos próprios sentimentos.





Todavia, para a maioria o diário se torna um lugar de exposição não só de sentimentos, mas, às vezes, até de intimidades – mesmo que nem sempre a conexão com a literatura fique clara ou sequer exista. Assim, para algumas e alguns, o diário de leitura literária é quase um diário íntimo. Mas enquanto este é uma interpretação controlada do dia da ou do diarista, o diário de leitura literária é uma interpretação controlada da leitura de um texto literário. Ainda que seja (ou pareça ser) muito claro que um diário íntimo não é um diário de leitura literária, poderá haver revelações e considerações bastante íntimas neste último, e é lógico que isso aconteça quando inquirimos a respeito dos sentimentos de diaristas.

Por meio dos diários de leitura literária alunas e alunos extravasam problemas de um modo geral: a perda de emprego, doença física e/ou psíquica pessoal e de pessoas próximas, fim de relacionamento, aspectos atinentes à vida sexual (sobretudo à orientação sexual), perdas familiares (algumas bastante violentas), tensões e afetos com familiares, amigas e amigos, namoradas e namorados, crise existencial, frustração, humilhação, vitória, desejo, esperança, medo, rejeição, raiva, amor.

Enfim, seria impossível relatar aqui toda a gama de sentimentos que a leitura literária desperta. Por ora, contentemo-nos em constatar que a literatura é definitivamente da ordem dos afetos e, ao restringirmos sua leitura à teoria e à crítica especializada, muita coisa importante ficará de fora – provavelmente as mais importantes no que tange à formação da leitora e do leitor. E mais, se nossas e nossos estudantes universitários não aprenderem a trabalhar com a relação entre a literatura e a forma como são



afetadas e afetados, dificilmente conseguirão formar leitoras e leitores de fôlego.

O compartilhamento

O diário de leitura pode ficar entre a leitora ou o leitor e a professora ou professor. No entanto, consideramos o compartilhamento do diário de leitura literária com a turma uma das etapas mais ricas do processo e por isso não temos nos furtado a fazê-lo. Para nós (e para muitas e muitos estudantes) é o momento que mais gera expectativas. É natural que vários indivíduos fiquem um pouco tensos e/ou constrangidos diante da ideia de ler seu diário na primeira vez, mas, até hoje, ninguém se recusou a fazê-lo quando solicitado. Ainda que nem todas e todos estejam dispostos a ler de forma espontânea, depois que alguém começa, tudo flui e algumas e alguns chegam a pedir para ler outros trechos de seus diários.

Ao se tratar de romance, para o qual existem vários capítulos e igual número de registros em diário, algumas vezes existe a manifestação de se ler ou de não se ler este ou aquele registro. Quando isso ocorre, sempre respeitamos o pedido. Cada qual conta aquilo que quiser contar e escolhe a parte do diário que quiser ler. Todas e todos lerão em algum momento, mas só o que quiserem ler. Na verdade, são previamente orientados a só escreverem aquilo que se sentirem à vontade para compartilhar.

As e os diaristas, durante a leitura, nas vezes iniciais leem rapidamente, como se quisessem se livrar logo da tarefa. Em outras, leem



com aplicação e até orgulho. Há diários muito engraçados que arrancam risos da audiência. Assim como há situações em que leitora ou leitor se emociona a ponto de ficar com a voz embargada e/ou chorar e/ou levar outras pessoas da turma a isso. Percebemos assim algo de catártico para várias e vários estudantes.

Leitoras e leitores confiam (alguns mais, outros menos, claro) que suas palavras serão acolhidas pela turma. E a confiança será fundamental para estabelecer o sentido de comunidade de leitura. Afinal, não se trata de uma mera atividade escolar entregue à avaliação da professora. Todas e todos têm acesso a uma boa parte dos registros de colegas e, conseqüentemente, há leituras próximas, mas igualmente muito diferenciadas umas das outras. Não são raras as vezes em que alguém diz que parece não terem lido o mesmo texto literário – o que nunca é posto como um desvio, mas sempre como riqueza interpretativa.

Assim, escrever o diário e compartilhá-lo fomenta afetos não só entre leitora ou leitor e o texto literário (o aspecto mais autoetnográfico do registro), mas com outras e outros diaristas, além de um clima geral de empatia e camaradagem.

O compartilhamento também é um momento para falar do texto literário propriamente dito. Não solicitamos análises nos diários, mas, ao serem compartilhados, aproveitamos para levantar aspectos importantes do poema, conto ou romance em questão, sempre a partir dos registros feitos. Em outras palavras, fazemos “ganchos” entre o que consta nos diários e o texto literário. E como a maioria da turma se sente envolvida, participa ativamente da discussão. Naturalmente esse papel de ensinar por meio dos



diários não cabe só à professora ou ao professor. Na prática, o diário de uma pessoa complementa, problematiza, levanta dúvidas sobre a interpretação do texto literário nos outros diários. Logo, as e os estudantes estabelecem uma comunidade leitora porque no compartilhamento surge uma leitura colaborativa: alguém sempre lerá o que outro não leu.

A avaliação

Apesar do seu aspecto lúdico, o diário de leitura literária é uma tarefa passível de ser avaliada como qualquer outra. Após alguns anos, percebemos a necessidade de executarmos uma espécie de teste antes de aplicá-lo. Se o trabalho é com um romance, por exemplo, selecionamos o primeiro capítulo para a experiência. As questões são as mesmas de uma aplicação qualquer, o diário é produzido e compartilhado, inclusive a avaliação é feita. A única diferença é que no teste não atribuímos notas. Como a maioria de nossas e nossos estudantes não estão acostumados a registrar suas leituras, o teste dá mais segurança e confiança.

Durante o processo avaliativo esperamos encontrar as “respostas” para as três questões apresentadas anteriormente (condições de leitura, pensamentos e sentimentos), mas somos bem mais flexíveis sobre os sentimentos, pois compreendemos o quanto pode ser difícil para algumas e alguns tocar e revelar aspectos mais pessoais.

Os principais desvios (em relação às orientações fornecidas) que costumam aparecer na escrita dos diários giram em torno de recontar a história, ou seja, resumir o que foi lido; tratar personagens como se fossem



peessoas reais, como, por exemplo, “não sei o que ela ou ele tinha na cabeça quando...”; fazer “análise” do texto literário – o que ocorre com pouca frequência; e falar de si sem se conectar ao texto literário lido – nesses casos o diário de leitura literária passa a ser diário íntimo. Mesmo com nossos esforços em tentar evitar tais desvios, infelizmente, eles persistem. Atribuímos isso à falta de prática na escrita de diários. O resumo ainda é visto para muitas e muitos estudantes como forma de preencher folhas ou telas em branco quando não estão seguros do que devem escrever. A propósito, esse “recurso” também costuma aparecer em apresentações orais, como seminários. Já tratar personagens como se fossem pessoas reais nos parece resultado de duas questões bastante diferentes. Por um lado, a aproximação mais afetiva pode dar a sensação de se estar falando de alguém real. Por outro, a fronteira entre ficção e realidade não está suficientemente clara.

Não são incomuns problemas quanto ao domínio da norma culta da língua portuguesa. Assinalamos tais problemas, mas não os consideramos relevantes no momento de atribuímos notas para o diário de leitura literária já que não são nosso objetivo. Também não consideramos relevante definir número de linhas ou de páginas. Portanto, recebemos alguns diários com um parágrafo (o que em geral significará deixar uma ou mais das três questões propostas de lado) e outros de cinco, seis e até sete páginas por entrada. Mas a média fica em torno de uma página quase completa.

Eventualmente alunas e/ou alunos inserem imagens nos diários de leitura literária. Algumas são desenhos e fotos produzidas pelas e pelos





diaristas outras são retiradas da internet. Tal inserção não é solicitada, mas tampouco é refutada. Apenas observamos se existe conexão com o texto literário.

Finalmente, registramos que alguns dos diários são escritos em uma linguagem poética, fato que extrapola nossas expectativas e que muito nos alegra.

Vimos assim que a literatura comporta muitas leituras, muitas interpretações, mas não quaisquer interpretações: pois há um limite e o diário auxilia a estabelecer esses limites pela professora e também pela turma, que vai pouco a pouco firmando ideias de forma conjunta sobre o que é mais ou menos aceitável.

Comentários finais

A literatura é uma forma de conhecimento sobre o mundo e sobre nós tão legítimo quanto a biologia, a astronomia, a medicina, a psicologia, a geografia, a sociologia, a filosofia etc. Registrar o que pensamos e como somos afetados diante do texto literário é uma maneira, entre tantas outras possíveis, de tomarmos consciência desse conhecimento. Afinal, o diário de leitura organiza e textualiza um fluxo incessante de ideias e sentimentos que nos tomam. E a despeito dessas ideias e sentimentos serem motivados pela literatura, estão em nós e no mundo. Barthes afirma: “‘O texto, apenas o texto’, dizem-nos, mas, apenas o texto, isso não existe” (2004, p. 28), porque sem trocas cognitivas e afetivas a literatura não se torna o acontecimento singular que ela potencializa e que a leitora e





o leitor realizam ou, como diz Compagnon: “nós escrevemos os poemas que lemos” (1999, p. 161).

Referências

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 26-29.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 17-62.

COMPAGNON, Antoine. O leitor. In: *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 139-164.

LEJEUNE, Philippe. Diários e blogs. In: *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 257-368.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: Conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

i Conhecemos o livro de Anna Rachel Machado, *O diário de leituras* (1998), mas, apesar de suas qualidades, ele não se refere à leitura de textos literários.

ii Essas questões sofreram algumas pequenas modificações ao longo dos anos, mas foram originalmente elaboradas pelo professor doutor Roberto Bezerra da Silva (então lotado na Universidade Federal de Sergipe e atualmente na Universidade Federal do Rio de Janeiro), a quem devemos inúmeras e produtivas discussões sobre o diário de leitura literária.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

iii Os comentários às respostas das leitoras e dos leitores são apresentados de forma genérica porque este é um mero relato de experiência e não tem o objetivo de copilar e mostrar dados sistematizados em tabelas, gráficos e afins, mas apenas dar a conhecer o diário de leitura literária para possíveis professoras e professores interessados em replicá-lo e inclusive modificá-lo.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade do autor.

